



CARTAS POLITICAS

POR

JOÃO CHAGAS

N.º 15



CARTA
A
D. MIGUEL DE BRAGANÇA
EM
SEGUIDA À NOTICIA DA SUA RENUNCIA
E
DO SEU RECONHECIMENTO
DA
MONARCHIA LIBERAL

Lisboa, 15 de Março de 1909.

ACABO de ler n'um jornal da tarde a noticia sensacional de que V. A. renunciou officialmente, por si e pelos seus descendentes, aos direitos á corôa de Portugal reconhecendo a monarchia constitucional e as leis do reino e dispondo-se a voltar a esta terra que o bannira, e apressome a ir ao seu encontro á fronteira, afim de ser o pri-

EDITOR & PROPRIETARIO, JOÃO CHAGAS.—COMPOSTO E IMPRESSO
NA OFFICINA BAYARD, ARCO DO BANDEIRA, 108. — MCMIX

meiro a saudal-o com este grito, feito de todo o sangue que me circula nas veias: Abaixo D. Miguel!

Desculpe V. A. E' que se V. A. renuncia a ser miguelista, eu não renuncio a ser liberal. V. A. renuncia á sua tradição. Eu não renuncio á minha. V. A. renuncia aos seus antepassados. Eu não renuncio aos meus. V. A. renuncia á força. Eu não renuncio aos seus martyres.

Depois, desculpe-me tambem, meu principe, que lh'o diga, mas é preciso dizer-lh'o sem perda de tempo, em meu nome e em nome de muitos, — eu não acredito, nós não acreditamos na sinceridade da sua renuncia.

O rei da Illyria renunciava ao seu throno para comprar os favores de uma cortezã. Era uma razão.

Porque razão renuncia V. A. ao throno da legitimidade?

«*O sr. D. Miguel de Bragança, — esclarece o periodico que torna publica a noticia da sua renuncia — profundamente impressionado pela tragedia de 1 de fevereiro de 1908, que deu a morte a seus primos D. Carlos e D. Luiz Filippe, e pela situação em que se encontra o paiz, ante a qual, em seu esclarecido criterio, devem abater-se as reivindicações de caracter politico, como são as do principio tradicionalista que elle representa, convocou os seus amigos politicos mais graduados, para a conferencia recente de Bordeus, e ahi lhes fez saber o proposito em que estava de renunciar, publica e officialmente, ás suas pretensões á corôa de Portugal, por si e pelos seus descendentes.*»

Que significação clara, intelligente e intelligivel tem isto?

Nenhuma!

V. A. renunciou aos seus direitos ao throno porque o rei D. Carlos e seu filho foram mortos?

Ora adeus!

Que tem que ver com a causa da legitimidade a morte de dois principes liberaes? V. A. foi affectado pelo duplo homicidio d'esses principes do seu sangue? Então não deveria renunciar ao throno só; deveria renunciar ao proprio paiz. Pois quê! Os reis morrem aqui nas praças publicas e por esse motivo os principes exilados voltam?

V. A. renunciou aos seus direitos, porque entende que perante a situação em que se encontra o paiz, «devem abater-se as reivindicações de character politico».

Reivindicações de character politico! Quem é que em Portugal reivindicava o poder absoluto? Porventura estamos nós ainda scindidos em liberaes e miguelistas, em *malhados* e *chamorros*! Porventura a doutrina da monarchia absoluta ainda nos dividia?

Ora adeus!

A situação do paiz é má, é grave a crise da monarchia e quando V. A. sabe pelos seus amigos que ella está perdida é que a reconhece?

Ora adeus!

Não! A renuncia de V. A. occulta ainda o proposito de reinar.

E como não seria assim?

Com V. A.—diz a gazeta em questão—regressarão ao reino os duques do Cadaval e outros legitimistas actualmente no estrangeiro.

Não é já o partido de V. A. que volta. E' a sua côrte. Um pretendente não é chefe de partido dentro do seu paiz. Dentro do seu paiz, reina.

V. A. não quer reinar. Quer—diz o communicado da sua renuncia—viver como simples cidadão.

Assim—se tomassemos á lettra este programma—V. A. e os seus amigos renunciariam aos seus velhos, velhissimos principios e regressariam a Portugal, não para intervirem no movimento politico, mas simplesmente para se encorporarem no anonymato da população, terem casa em Belem, ou na Junqueira, passeiarem na Avenida, irem aos theatros, lerem pela manhã o *Seculo*, assistirem da galeria ás sessões da camara dos deputados, darem dois dedos de cavaco á porta da *Havaneza* ao sr. Taborda de Magalhães, n'uma palavra fazerem vida commum commosco.

Não! Esse não pode ser nem o proposito de V. A. nem o dos seus amigos. Faço-lhes essa justiça e presto-lhes essa homenagem. Não! Não se renunciam a seculos de tradição, não se destroe n'um dia uma longa obra de intransigencia e de fidelidade como foi a dos legitimistas portuguezes, sob tão futil pretexto.

V. A. não volta para ser, como pretende, um simples cidadão. V. A. volta para conspirar. Nem aspira ás alegrias obscuras do cidadão, nem aspira aos seus gosos civicos. Não volta a Portugal para respirar as brisas da patria, nem para collaborar benignamente na obra do seu progresso, propondo modestamente o seu nome ao cargo de membro da junta de parochia da sua freguezia. Volta porque vislumbrou no throno em ruina um throno a reconstruir. Para que D. Miguel e os miguelistas voltassem a Portugal, com sacrificio do seu velho sonho absolutista, era preciso que a monarchia liberal estivesse como está, a desabar.

A declaração de renuncia de V. A. não tem o menor valor moral. O direito divino não renunciava. Chambord não renunciou. Faz questão de tudo, até de um trapo. Chambord fez questão de bandeira e, por isso, deixou de ser rei de França. V. A. renunciava. E' já um mau signal.

Quer a sua renuncia dizer que renunciava a ser rei? Amanhã poderá sophismal-a allegando que tão somente renunciou aos direitos da legitimidade. De resto, os seus amigos ahi vem com V. A., dispostos talvez, em ultimo caso, a reclamar-o como um rei necessario e a propôr ao paiz a sua candidatura.

No fundo — em resumo — a renuncia de V. A. e o seu regresso a Portugal é uma aventura.

Pessima aventura!

V. A. desconhece Portugal.

Aqui não ha já logar para uma monarchia, nem para esta, nem para outra. O throno que existe, cambaleante, ainda serve a D. Manuel. Depois d'elle é lenha para queimar.

No momento em que V. A. se dispõe a entrar em

Portugal, a monarchia dispõe-se a sahir, e este é o lado equivoco da sua aventura. V. A. reconhece a monarchia liberal, quando já ninguem a reconhece; traz-lhe a sua solidariedade — singular solidariedade! — quando todos lh'a retiram.

V. A. — repito — desconhece o paiz.

A monarchia tornou-se um systema de governo impopular e perdeu toda a sympathia publica. Está reduzida ao minimum de solidariedades. Com o resto do paiz, a sua situação é de divorcio — insanavel. Offerece este espectáculo unico na Europa, de um systema de governo — deshonorado. A monarchia absoluta, de que V. A. era ainda ha dias, o altivo representante, cahiu perante uma nova corrente de idéas. Foi odiada, mas não foi desprezada. A monarchia liberal é desprezada. Não é um regimen politico: é um systema de delapidação.

Ainda hoje, na camara, um deputado accusou o ministro da fazenda de ser reu do crime de burla, e o peor é que o é. O roubo campeia nos dominios da administração liberal, tão desaforadamente hoje, como ha setenta e cinco annos, quando os liberaes cahiram, como matilha de cães esfaimados, sobre a fortuna dos vencidos.

Setenta e cinco annos de depredação exgota o paiz mais rico e esse é o caso do nosso, mas exgota tambem as mais robustas instituições. Ao cabo de setenta e cinco annos ellas deixam de ter amigos e tem apenas socios. E' o que succede ás nossas.

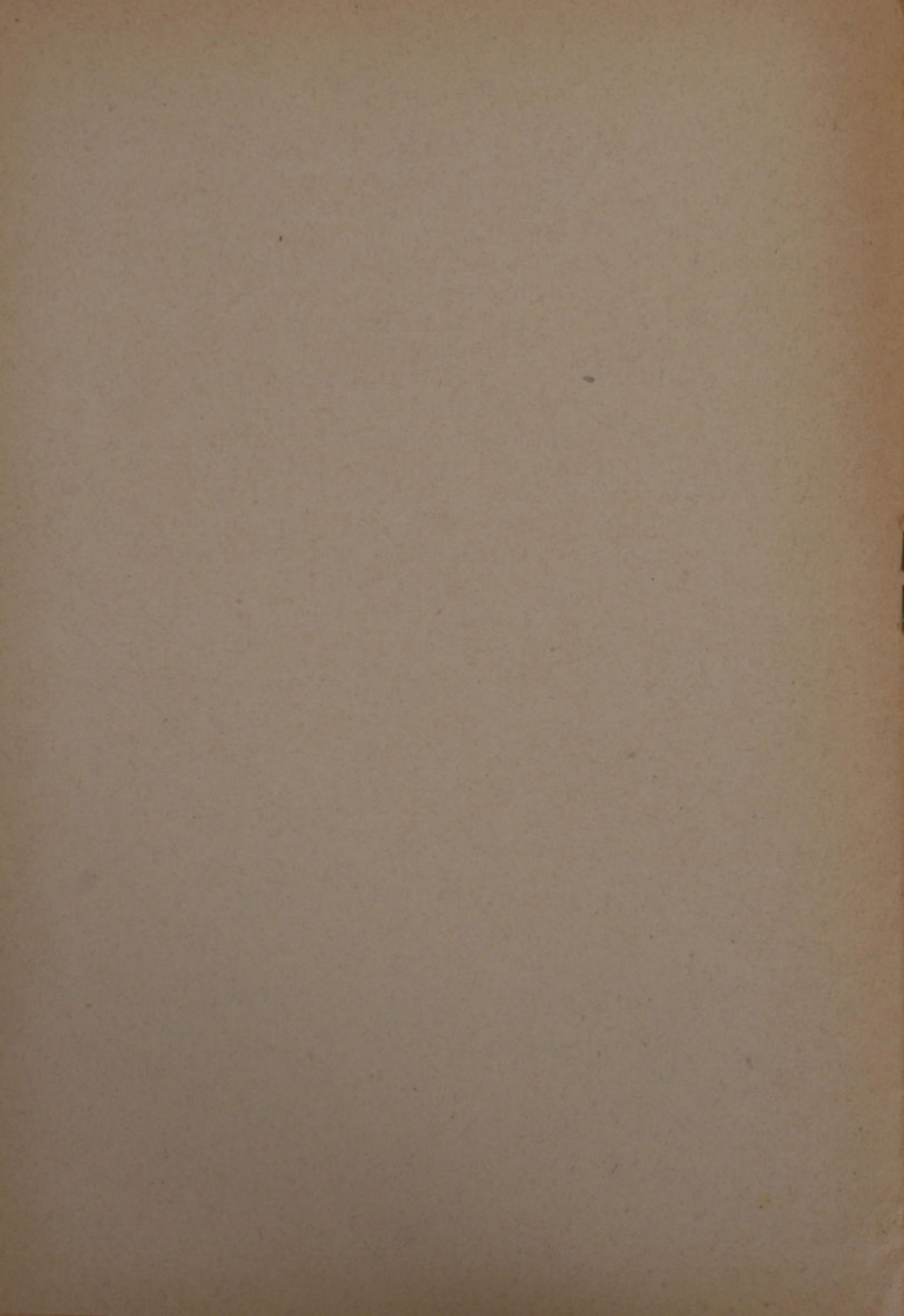
A monarchia perdeu a solidariedade dos amigos que tinha, e só com a solidariedade dos socios que tem não vae longe. Está cercada da animadversão do paiz. Não governa já. Defende-se. V. A. deve ter ou-

vido em Brombach as detonações dos tiros da sua ultima defeza. Assim, eis aqui um regimen politico, cuja traducção litteral é esta: pilhagem, massacre.

Quando um systema de governo aliena d'esta fórma a solidariedade social, perde-a para sempre. A monarchia liberal em Portugal não tem futuro e excuso dizer a V. A. que a monarchia absoluta muito menos a tem.

Por isso, o regresso de V. A. a este paiz não é de inquietar, o que não impede que elle seja um facto e grandemente significativo. E' preciso que esta nação pareça bem um cadaver, para que os herdeiros dos seus velhos reis absolutos se julguem no direito de a rehaver!





CARTA

AO

SR. JULIO DE VILHENA

SOBRE

O SEU DISCURSO

NA

LIGA MONARCHICA

Lisboa, 15 de Março de 1909.

QUE o Faria Machado faça discursos na Liga Monarchica, vá! Mas v. ex.^a! Li-o e não acreditei.

Já me pareceu inacreditavel que v. ex.^a fosse á Liga Monarchica, cooperando assim n'um acto de insensatez a que v. ex.^a, por muito monarchico que seja, não deveria pelo respeito que deve á sua razão, dar sequer a solidariedade da sua presença.

Pois v. ex.^a não viu, como toda a gente que tem o juizo no seu lugar, que a Liga Monarchica é um disparate e que não ha razões para que a monarchia, forma de governo, poder constituido, faça ligas?

Pois v. ex.^a não viu que semelhante idéa não tem senso-commum e só pode inspirar-se no desvairamento de que estão possuidos os monarchicos que reputam a monarchia perdida?

V. ex.^a não devia dar a semelhante liga a solidariedade da sua presença e devia, se a sua mentalidade correspondesse ao juizo que outr'ora fizemos d'ella, combatel-a como coisa absurda, mais propria a mostrar a fraqueza do que a força das instituições.

Mas a nossa surpresa subiu de ponto ao ver que v. ex.^a não só comparecia nas reuniões da Liga Monarchica, como discursava n'ellas e de que modo!

Ah! ex.^{mo} sr. Eu garanto a v. ex.^a que semelhante espectáculo não me rejubila! Ver cahir todos, sem excepção de nenhum, no mesmo nivel intellectual, ver descer a sociedade por igual, como eu estou vendo descer a sociedade a que v. ex.^a pertence, dá-me a idéa de uma tão extensa decadencia que pergunto a mim mesmo se ella não terá tambem attingido a sociedade que eu reivindico e se não é v. ex.^a apenas que se afunda com os seus, mas nós todos sem distincção que mergulhamos na ignominia do mesmo irreparavel cretinismo.

Leio o que v. ex.^a disse na ultima reunião da Liga Monarchica e não o creio. Pois quê! V. ex.^a disse aquillo que os jornaes lhe attribuem? V. ex.^a disse essas enormidades e essas banalidades? V. ex.^a disse que o principio da eleição não dá mais garantias do que o principio da hereditariedade? V. ex.^a disse que

o suffragio é uma burla, porque em Portugal o tem sido sempre? V. ex.^a disse que na America, na França e na Suissa, as despezas de representação dos chefes d'Estado absorvem quantias superiores ás das listas civis dos soberanos hereditarios? V. ex.^a disse que a republica não se justifica, porque em Portugal sempre existiu a monarchia? V. ex.^a disse que só se comprehende a republica n'uma colonia que se liberta? V. ex.^a disse que a monarchia sempre foi em Portugal uma garantia da liberdade? V. ex.^a disse que a monarchia é uma garantia de independencia?

Na Liga Monarchica ha muito quem tenha o direito de dizer estas inepcias. V. ex.^a não tinha o direito de as dizer, não pelo que intrinsicamente vale, senão pelo que exteriormente e durante muitos annos representou aos olhos dos homens cultos d'este paiz. V. ex.^a assumiu perante elles as responsabilidades da reputação que lhe crearam, no longo interregno em que, mantendo-se affastado da politica, lhes deu a impressão de que o fazia, muito mais do que por integridade moral, pelo decoro intellectual que leva os homens de algum espirito que este paiz tem possuido, a ter da politica um horror litterario. Essas responsabilidades obrigavam-n'o, pelo menos, a não repetir as falsidades, as patacoadas e as parvoçadas com que o proselytismo monarchico está tecendo á monarchia a sua ultima corôa de espinhos. Ha alguma coisa que obriga tanto como a nobreza, que é a fama, e v. ex.^a tinha a fama de não ser tolo. O seu discurso na Liga Monarchica desfaz em fumo essa reputação.

*

Quem é v. ex.^a afinal e que mystificação foi essa que nol-o apresentou durante tanto tempo como um homem differente dos outros?

Durante muito tempo — e eu sou d'esse tempo — v. ex.^a foi, no meio da crassa mediocridade dos politicos constitucionaes, o homem solitario que o juizo publico distingue para as apreciações lisongeiras. Estar na politica era desconsiderar-se; em rigor, era infamar-se. Estar fóra d'ella, ao contrario, era ennobrecer-se e elevar-se. Fóra da politica e só por este facto, v. ex.^a crescia na consideração publica. Quem foi que lhe fez a reputação de um homem de talento e de cultura? Não sei! O que é certo é que a tinha. Era dos poucos que a tinha. Em que se fundava? Não sei. Nós, os homens do meu tempo, recebemol-o a v. ex.^a e aos seus, já feitos. Na realidade herdamosol-os, sem os investigar, como quem recebe um legado n'um sacco, sem verificar o que está dentro, e enquanto v. ex.^a se manteve no seu «esplendido isolamento», foi, a nossos olhos, um super-homem constitucional. Não contavamos é certo, com a sua solidariedade moral — v. ex.^a parecia destinado a morrer com o velho mundo que o tinha orgulhosamente dado á luz — mas contavamos com a sua solidariedade intellectual, a da sua cultura, a do seu gosto, e isso nos bastava. N'uma sociedade cretinizada por uma instru-

ção insufficiente e por uma educação deploravel, as mentalidades superiores constituem, por assim dizer, uma franco-maçonaria e são sempre solidarias, independentemente de credos politicos, ou religiosos. V. ex.^a, a nossos olhos, fazia parte d'essa franco-maçonaria.

Afinal e em toda a linha, uma burla! Sobrevem a crise monarchica e o homem divorciado da politica, mergulha no atoleiro da politica; agrava-se a crise monarchica e o homem de mentalidade superior, o homem de espirito, o homem de cultura, o homem de gosto, apparece-nos a dizer baboseiras sobre monarchias e republicas, rés vés com Alfredo Gallis, por al-cunha — o *Rabelais*.

E' inconcebivel!

*

Não é, porém, a solidariedade do politico com uma monarchia de bancarroteiros que nos desola. Que importa um politico a mais, ou a menos? O que nos desola é a solidariedade, com uma sociedade de idiotas, do homem para cuja reputação de intellectualidade todos afinal contribuimos, uns com a leviandade dos seus juizos, outros com a cumplicidade dos seus suffragios.

Por isso tambem os unicos monarchicos a quem

a mentalidade portugueza não pode perdoar o serem tão clamorosa e escandalosamente monarchicos são os que, algum dia, assumiram perante ella responsabilidades intellectuaes. Esses não podem allegar a seu favor a stulticia, que nos seus companheiros d'armas concorre em proporções tão grandes que não se sabe o que elles são mais — se corruptos, se estupidos. Esses renegaram mais do que antigas crenças politicas: abjuraram da religião do espirito, que, acima de tudo, põe o culto da intellectualidade. Ao fazerem, na hora da morte da monarchia, a sua profissão de fé monarchica, não acceitaram apenas as solidariedades moraes da monarchia, que já são de respeito: acceitaram as suas solidariedades intellectuaes, que são de fugir.

V. ex.^a não tinha as responsabilidades de uma obra litteraria, ou artistica que nunca fez, mas tinha as da tradição oral da sua intellectualidade, que o inculcou durante muito tempo ao respeito das nossas intelligencias. A sua presença na Liga Monarchica, as suas palavras ali, fizeram-lhe perder o direito a essa forma da estima publica. Havia um Julio de Vilhena que, por muito que estivesse na politica, parecia elevar-se acima d'ella por um fundo de espiritualidade. Até certo ponto mesmo attribuia-se o seu evidente fracasso politico ao trambolho de privilegios intellectuaes que, na politica portugueza, só servem para incommodar. Lendas! O Julio de Vilhena em questão nunca existiu senão na nossa imaginação.

Os escriptorios das **CARTAS POLITICAS** mudaram para a rua do Arco do Bandeira, 104-1.º, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia e onde se recebem as assignaturas e se satisfazem as requisições de exemplares.

Estas brochuras publicam-se uma vez por semana — aos sabbados.

Vendem-se em todas as livrarias, tabacarias e kiosques. — O seu preço é de 50 reis.

Assignam-se em series de 6, ou 12 numeros. O preço d'esta assignatura é de 300 e 600 reis, pagos adiantadamente.

